

O ENFERMEIRO DE SERVIÇO COMO COLABORADOR NA FORMAÇÃO DOS PROFISSIONAIS DE SAÚDE.

Maria Josefina da Silva¹
Maria Jésia Vieira²
Reagan Nzundu Boigny³
Rui Martinho Rodrigues⁴

Introdução: O Sistema Único de Saúde, modelo instituído na Constituição Federal de 1988, assume a tarefa de participar da formulação dos conteúdos disciplinares para a formação dos profissionais da área da saúde, de modo a serem capazes de dar respostas significativas aos problemas de saúde mais prevalentes de cada espaço de formação. Atribui ao Ministério da Saúde esta tarefa, juntamente com o Ministério da educação cujas atribuições estão voltadas para os aspectos normativos da formação. Portanto, a formação de recursos humanos para a saúde deve ser pensada em sua totalidade, com o estabelecimento conjunto das características dos diversos níveis às especificidades profissionais e multiprofissionais, de acordo com as diretrizes do Sistema Único de Saúde¹. Na formação de graduação do Enfermeiro, sujeito do presente estudo, os cursos que oferecem licenciatura são poucos, embora se tenha em conta que o Enfermeiro é um educador em todos os espaços de sua prática². Mesmo sem formação específica o Enfermeiro contribui na formação do aluno desde as primeiras disciplinas práticas, bem como exercem preceptoria e acompanhamento em estágios, quando os docentes estão participando desta atividade de forma indireta. Há uma resistência por parte dos Enfermeiros de serviço para o exercício desta atividade, mais por insegurança, devido ao desconhecimento de metodologias de ensino, do que pelo desinteresse em participar da formação. Há a insegurança pela presença curiosa e inquiridora do aluno; pela necessidade de demonstrar segurança e conhecimentos diante do cliente e do aluno e porque a academia ainda não despertou para o investimento na formação específica deste profissional, conforme sugeriu a I Conferência de Recursos Humanos em Saúde (1986). Diante deste quadro, o presente estudo tem como finalidade buscar o conhecimento de como este profissional, de forma autônoma ou por meio de formação complementar, se capacita para exercer a docência em serviço e como ele percebe seu papel, o da instituição empregadora e a academia na sua qualificação profissional. Esta “docência em serviço” pode ser compreendida, no contexto da formação de graduação, como preceptoria. Embora este termo seja aplicado ao trabalho junto a residentes e, na nossa realidade, aos bolsistas do PET-SAÚDE o conceito pode ser utilizado no contexto deste estudo. Assim, a categoria teórica que emerge da leitura dos documentos referentes ao ensino em saúde é “docência clínica”. **Objetivos:** Compreender como o enfermeiro, na sua atividade profissional, se percebe também como contribuindo para a formação do profissional da saúde, ou como um “docente-clínico”³. **Descrição metodológica:** Estudo qualitativo, cujos sujeitos foram enfermeiro (5) que recebem alunos de graduação nos estágios supervisionados em unidades de saúde da atenção básica e hospitais de grande porte e de referência para o ensino. A coleta de dados ocorreu entre dezembro de 2012 e janeiro de 2013. A coleta foi por meio de entrevista gravada, com roteiro seguindo o roteiro do Circulo hermenêutico-dialético⁴, possibilitando a elaboração da síntese das entrevistas com uma pré-análise⁵. Os dados foram organizados em mapas conceituais a partir das categorias empíricas: “o enfermeiro como docente clínico”, “eu: docente clínico”, “pontos positivos da docência clínica”, “pontos negativos” e “como ter qualidade na docência clínica”. A análise foi orientada pela metodologia interativa que inclui o perfil do sujeitos, o contexto onde ocorre o

¹ Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal do Ceará. josefina206@gmail.com

² Enfermeira. Doutora em Enfermagem. Docente da Universidade Federal de Sergipe

³ Estudante de Enfermagem. Bolsista de Iniciação Científica/UFC

⁴ Advogado. Doutor em História. Docente da Universidade Federal do Ceará

evento, categorias empíricas e unidades de análise⁶. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética/UFC sob o número de protocolo 115.472 de 04/10/2012. **Resultados:** Os resultados apontam para um grupo de profissionais jovens, com experiência profissional no acompanhamento de alunos de várias instituições, com disposição para o crescimento profissional; veem a docência clínica como parte das atividades profissional e o fazem por gostar, por ter “vocação” para o ensino. Pontos positivos: satisfação em contribuir para a formação, necessidade de estudar para atender as demandas dos alunos e projeção no ambiente de trabalho, a uma melhor qualidade do serviço e melhora o atendimento ao cliente, embora “lentifique” o andamento das atividades da unidade. Pontos negativos: pouca valorização da universidade pela atividade desenvolvida, distanciamento ou ausência dos professores no que se sentem “soltos”, sem referências para este acompanhamento, a não ser a experiência pessoal e trazida da própria graduação, sem formação específica para o exercício da atividade. A qualidade desta atividade vem pela qualificação, pela pós-graduação strito sensu, pela oportunidade de participar da elaboração e atualização dos currículos e construção dos conteúdos programáticos. **Conclusão:** o enfermeiro que colabora voluntariamente com o ensino ainda é um elo da corrente da formação que não mereceu a atenção dos estudiosos da educação no campo da saúde. Ele tem consciência de sua importância no ensino, mas precisa ser mais bem aproveitado para qualificar a formação do enfermeiro. **Implicações para a enfermagem:** As diretrizes curriculares, nas competências gerais para a área da saúde estabelece que é função do enfermeiro participar da formação dos futuros profissionais, mas este personagem – o enfermeiro de serviço que colabora na formação – precisa ser incluído como elemento participante da qualidade do egresso que ela ajuda a formar. **Referências:** [1]. BRASIL. I Conferência Nacional de Recursos Humanos. **Relatório final**. Brasília; 1986. [citado em 20 ago 2006]. Disponível em: URL: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/CNRH_sa%FAde.pdf. [2]. BASTABLE, S. B. **O enfermeiro como educador**. Princípios do ensino- aprendizagem para a prática da enfermagem. 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010. [3]. BOTTI, S.H.O.; REGO, S. T. A. Preceptor, supervisor, tutor e mentor: quais são seus papéis? **Revista Brasileira de Educação Médica**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 3, p. 363-373, 2008. [4]. GUBA, E.; LINCOLN, G.Y. S. **Fourth generation evaluation**. London: SAGE Publications Ltda. Disponível: books.google.com.br/books?isbn=0803932359. Acesso em 16/08/2012 [5]. OLIVEIRA, M. M. Como fazer Pesquisa Qualitativa. Recife: Ed. Bagaço, 2005. [6]. OLIVEIRA, M. M. **Metodologia Interativa:** um processo hermenêutico dialético. Interfaces Brasil/ Canadá, Porto Alegre, V. 1 , N. 1, 2001 67-78.

Descritores: enfermagem; educação em enfermagem; formação de recursos humanos
Área temática: **Políticas e práticas de Educação e Enfermagem**